

# *A Importância dos Estudos Fonéticos na Geolingüística para a Descrição do Português do Brasil*

Vanderci de Andrade **AGUILERA**  
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Os atlas lingüísticos estaduais, embora elaborados com metodologias distintas e publicados em épocas diferentes, têm servido de fonte para estudos fonéticos descritivo-analíticos de estágios da Língua Portuguesa do Brasil. Fazendo um corte sincrônico, reportamos a trabalhos publicados na década de 90 que elegeram como corpus os dados cartografados em algum dos Atlas Estaduais: Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (ROSSI, 1963), Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais – EALMG (RIBEIRO et al., 1977), Atlas Lingüístico da Paraíba (ARAGÃO; MENEZES, 1984), Atlas Lingüístico de Sergipe (FERREIRA et al., 1987) e Atlas Lingüístico do Paraná (AGUILERA, 1994).

Neste trabalho, tratarei cronologicamente os artigos disseminados, iniciando por quatro deles, apresentados em 1995 no XXI Congresso Internacional de Lingüística e Filologia Românica e publicados nas referidas Atas em 1998.

O primeiro, de Cardoso (p. 110-119), ao tratar da inovação e conservadorismo no léxico rural brasileiro, e utilizando dados do APFB, observa que a grande maioria dos itens documentados apresenta-se sob uma diversificada gama de realizações fonéticas. Para tal, documenta com registros que se alternam com as formas do português padrão culto, como os casos de iotização: *saroia* < *sarolha*, *borraio* < *borralho*; de simplificação do ditongo *ei*: *lera* < *leira*, *chuliadera* < *chuliadeira*; de apagamento de vogal/sílaba inicial (aférese): *rancado* < *arrancado*, *mojada* < *amojada*; de alternância de /l/, /r/, /u/: *escaldado* > *escardado* > *escaudado*; de realização africada palatal surda, independentemente

de estar ou não precedida de *i*: *coité* [koj'tʃɛ], *feiticeiro* [fejtʃi'sejru] e de apagamento de sílaba postônica não-final: *veronca* < verônica, *sumico* < sumítico. Observa, ao final de sua análise, que as variantes destacadas revelam aspectos da variação do português nessa área dos falares rurais,

*os quais ora se mostram representativos do processo evolutivo geral da língua no Brasil, ora configuram particularidades de tratamento específico da região que refletem uma tendência inovadora ou uma recorrência a processos de mudança já documentados na história da língua.* (CARDOSO, 1998, p. 112)

O segundo trabalho, de Brandão (1998, p. 299-307), focaliza a realização de /S/ no contexto medial de vocábulo, em corpus constituído para o projeto, em andamento, do Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro. Não se trata de pesquisa realizada nos moldes tradicionalmente geolingüísticos, mas associada ao modelo sociolingüístico por contemplar um número maior de informantes, 6 por ponto de investigação, cujo perfil abarca um nível de escolaridade (analfabeto ou semialfabetizado) e três faixas etárias. A análise dos dados revelou em cada localidade considerável polimorfismo de realizações: [s], [z], [ʃ], [ʒ], [h], zero fonético. Por outro lado, o tratamento estatístico dos dados de orientação teórica variacionista laboviana indicou que: (a) os fatores de natureza extralingüística (faixa etária) se mostraram relevantes para a ocorrência das diferentes variantes; (b) os segmentos adjacentes ao /S/ também surgem como fortes condicionadores de alveolares ou pós-alveolares, ou seja, diante de /t/ e /d/, a mudança de [s] e [z] para [ʃ] e [ʒ] vem ganhando impulso, enquanto as alveolares oferecem maior resistência em outros contextos fônicos.

Outro trabalho apresentado é o de Mota (1998, p. 475-483), sobre as variantes palatais do português do Brasil, em especial do /t/ e /d/ seguidos ou precedidos de /i/ em vocábulos como *doido*, *muito*, *tiro*, *dito*, *vinte*, *sede*, registrados na fala rural de informantes com nenhuma ou pouca escolaridade (dados do APFB, EALMG e ALS) e

na fala urbana de informantes universitários (dados do Projeto NURC/ Salvador). Após análise qualitativa dos dados, contrapondo os contextos rural e urbano, aí incluídos – pela natureza geolingüística ou sociolingüística de cada um dos grupos de estudo – ao fator escolaridade, a autora sintetiza suas considerações:

*(a) quando o contexto favorecedor é a semivogal da sílaba imediatamente precedente, as realizações palatais – africada ou oclusiva – apresentam-se como variantes estráticas, estigmatizadas, características de falantes rurais, pouco alfabetizados. É o que se verifica com as realizações africadas em áreas do falar baiano, ou com a realização nasal palatal, em início de palavra, documentada em área rural de Sergipe;*

*(b) quando as realizações palatais são condicionadas pela vogal alta seguinte, as variantes perdem sua marca estrática e caracterizam a norma padrão baiana, podendo ser encontradas também em área rural – com menos frequência – ao lado da realização oclusiva dental. (MOTA, 1998, p. 480)*

Quanto à distribuição diatópica dessas variantes no EALMG e no ALS, a autora comenta que, apesar da insuficiência dos dados, *as realizações palatais condicionadas pela semivogal precedente estendem-se do norte de Minas Gerais, pela faixa litorânea da Bahia, até Sergipe*, ao passo que, as palatais seguidas de vogal alta *distribuem-se por todo o Estado de Minas Gerais, subindo também pelo litoral da Bahia, sem, contudo, atingir, de modo representativo, o Estado de Sergipe* (MOTA, 1998, p. 480).

Em seguida, destacamos dois artigos apresentados no GT de Fonética e Fonologia do XI Encontro Nacional da ANPOLL em junho de 1996, publicados no ano de 1997. Ambos se basearam em estudos geolingüísticos: o primeiro, de Santos, apresenta o projeto para o Atlas Lingüístico da Cidade de São Paulo – ALCiSP – e discorre sobre os fenômenos fonético-fonológicos mais comuns detectados em entrevista-piloto realizada num bairro popular daquela metrópole, em informantes de ambos os sexos, na faixa etária de 23 a 46 anos. A

autora não considera esses fenômenos exclusivos da fala paulistana, mas, sim, como recorrentes não só em outros atlas lingüísticos como em vários estudos lingüísticos. Dos fenômenos encontrados, registra os arquifonemas /I/ e /U/ resultantes, respectivamente, da neutralização dos fonemas /e/ e /i/ e dos fonemas /o/ e /u/ em posição inicial, medial e final átona; a queda de /r/ em posição final absoluta, principalmente em verbos no infinitivo; monotongação sobretudo do ditongo /ow/; ditongação, mediante o acréscimo de /j/ após as vogais /a/, /e/, /o/, /u/ finais seguidas de /s/.

O segundo trabalho desse ano diz respeito a uma pesquisa de Aguilera (1997, p. 129-143), baseada na hipótese segundo a qual determinados “erros” ortográficos detectados em redações escolares poderiam estar relacionados com a variedade lingüística do aluno. Assim, um aluno do sul paranaense, por exemplo, apresentaria dificuldades ortográficas diferentes das de outro do norte do Estado, devido às diferenças fonéticas que caracterizam uma e outra região, em particular, o registro de /e/ e /o/ átonos em final de vocábulo. Analisando as redações/textos produzidas(os) em situação de prova por alunos do curso supletivo de Londrina, comparando-os com os dados das cartas fonéticas do Atlas Lingüístico do Paraná, a autora propõe uma categorização dos erros ortográficos dessa clientela, buscando uma relação entre os erros, os sistemas fonológico e ortográfico do português e as variantes fonéticas registradas no ALPR. Ao final do trabalho, analisando a natureza de cada desvio ortográfico, conclui que 42% dos desvios acontecem devido à complexidade do sistema ortográfico vigente (principalmente os que envolvem os grafemas dos fonemas /s/ e /z/); 17% podem ser atribuídos à má alfabetização (*casse* por *classe*, *pova* por *prova*), 13% são de hipercorreção (*fncionar*, *enocentes*); e apenas 12% seriam transcrições de variantes diatópicas, diafásicas e diastráticas, como *familha*, *rítimo*, *déiz*, *pobrema*. Os demais casos, equivalentes a 16%, referem-se a problemas de junção, disjunção e homofonia.

Como resultado dos trabalhos apresentados no GT de Fonética e Fonologia no XIII Encontro Nacional da ANPOLL,

realizado em Campinas-SP, em 1998, foi organizada a obra *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*, publicada pela Editora da UEL, da qual selecionamos os trabalhos de Aragão, Cardoso, Mota e Aguilera.

Aragão, em *A variação fonético-lexical: dialetal ou sociolinguística?* (1999, p. 73-92), utilizando dois corpora diferentes em sua natureza, do Atlas Lingüístico da Paraíba e do Projeto Dialetos Sociais Cearenses, discute o fenômeno fonético da despalatalização e descreve a predominância do apagamento de [ŋ] > [0] com manutenção da nasalização na vogal anterior, como em *minha* > *mãa*; *caminho* > *camũu*, em ambas as localidades, mas com maior frequência de manutenção da palatal no Ceará que na Paraíba. No caso de [ẽ], predomina a manutenção da palatal em ambos os corpora, vindo em segundo lugar, quanto ao número de ocorrências, os casos de iotização, como em *fiio*, *trabaiadó*, *moiação* e com baixa frequência a despalatalização, como em *bila*, *mulé*, nas duas localidades.

Cardoso (1999, p. 93-108), em *As vogais médias pretônicas no Brasil: uma visão diatópica*, faz uma análise detalhada dos vários registros do fonema, iniciando por uma síntese histórica do percurso das vogais médias pretônicas, compondo um quadro geral de suas realizações no português falado no Brasil e finalizando com o estabelecimento de áreas dialetais com base nesse fenômeno. Para isso, utiliza, além dos dados cartografados nos cinco atlas publicados, os de trabalhos desenvolvidos em vários estados brasileiros, como Amazonas, Pará, Acre, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. Para demonstrar a circunscrição e expansão das vogais médias pretônicas, esboça um quadro geral da realização dessas vogais no português brasileiro, em que evidencia o registro predominante de vogais abertas nos estados de Amazonas, Acre, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais, o de vogais altas no Amazonas e o de vogais fechadas no Pará, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul.

Mota (1999, p. 125-142), em *Características fônicas do falar baiano*, analisa dois fatos fônicos importantes na caracterização desse

falar: as ocorrências de vogais médias abertas ou fechadas, em distribuição pré-acentuada e as realizações consonânticas oclusivas ou africadas antes da vogal palatal alta /i/ que assinalam o limite entre a área setentrional de Minas Gerais e outras áreas desse Estado. Sobre as vogais em questão, baseia seus estudos em pesquisas realizadas em dados cartografados nos atlas e em dados do Projeto NURC. Para isso, elabora seis quadros em que demonstra: as vogais pré-acentuadas no APFB; as vogais pré-acentuadas no ALS; os casos de motivação mórfica; de harmonização vocálica; de pré-acentuadas em ditongo; de pré-acentuadas no ALPB. Quanto ao estudo das realizações de /t/ e /d/ diante de /i/, baseia-se, igualmente, em dados cartografados nos atlas e nos registros do NURC e, para comprová-las, reúne os dados em cinco quadros: o das oclusivas e africadas no APFB; o das oclusivas apicais e não-apicais no APFB; o das realizações oclusivas no ALS; o das oclusivas apicais e não-apicais no ALS e as realizações oclusivas e africadas no EALMG. Conclui a autora que:

*A recolha de dados de Goiás e a análise dos falares que, na proposta de Nascentes, integram o grupo dos dialetos do Norte, especialmente do nordestino – que vem sendo objeto de pesquisa em várias universidades e que o Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil deverá brevemente implementar – fornecerão certamente mais elementos para a caracterização do falar baiano e de sua situação de ‘intermediário’, como diz Nascentes, entre os falares brasileiros. (MOTA, 1999, p. 139)*

Pontes (1999, p. 143-154), trabalhando com dados do Atlas Lingüístico do Paraná, estuda a variação do [ĕ] – [y] no falar rural do norte do Paraná e comenta:

*a partir de uma análise quantitativa dos fatores fonológicos vogal precedente, seguinte e tonicidade, e dos fatores sociais escolaridade, idade e sexo, busca-se sistematizar esse fenômeno de variação através de uma representação formal no nível lingüístico – denominada*

*Regra Variável (RV) – e outra no nível sociolingüístico – denominada Estrutura Sociolingüística (ES).* (PONTES, 1999, p. 143)

Aguilera (1999, p. 155-179) faz, em *Um estudo geolingüístico da iotização no Português Brasileiro*, a partir da seleção de cartas dos atlas da Bahia, de Minas Gerais, da Paraíba, de Sergipe e do Paraná que apresentam vocábulos formados com o fonema palatal /ẽ/, uma análise das realizações palatalizadas, iotizadas ou sincopadas de cada lexia e conclui, estabelecendo alguns princípios como:

*(a) reforça-se a idéia de que os limites dos dialetos num dado território são fluidos e instáveis. Cada vocábulo tem a sua própria história de irradiação e de circunscrição;*

*(b) em itens lexicais universais, isto é, não específicos do mundo rural, como galbo, folba, ilba, milho é mais freqüente a variante padrão, ao contrário de outras exclusivamente rurais, e muitas vezes arcaicas, como cangalba, arco-da-velha, sarilbo, silbão em que predomina a forma iotizada ou sincopada;*

*(c) reitera-se uma das bases da Dialetologia tradicional, segundo a qual pontos mais antigos, isolados ou distantes de grandes centros são mais conservadores das formas não-padrão. Veja-se os pontos lingüísticos onde, por exemplo, a lexia borralho apresenta um alto índice de iotização, na Bahia e Sergipe.* (AGUILERA, 1999, p. 166-167)

Em 1999, por ocasião do XXIX Seminário do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo –, foram apresentados dois trabalhos de base geolingüística, publicados em 2000, que merecem destaque: o primeiro deles, de Castro (2000, p. 251-256), trata do *Atlas Lingüístico do Paraná: casos de hipercorreção*. Em sua análise, a autora discute os casos de hipercorreção detectados nas cartas correspondentes aos vocábulos *árvore*, *teia de aranha* e *arco-íris* e suas realizações hipercorrigidas *áuvore*, *áhvore*, *telha de aranha* e *auco-íris* ou *alco-íris*. A autora concorda que

*as ocorrências mencionadas não são propriamente formas típicas da linguagem popular, nem tampouco da variedade padrão. Correspondem ao que se denomina, tecnicamente, hipercorreção ou ultracorreção ou superurbanismo e representam tentativas mal sucedidas de reprodução da variedade padrão.* (CASTRO, 2000, p. 252)

Submetendo os dados selecionados a uma análise com base em fatores extralingüísticos como sexo, escolaridade e faixa etária, Castro observa que os dados não apontam o sexo do falante como fator que nitidamente favoreça ou desfavoreça a hipercorreção. No entanto, uma diferença, ainda que pequena, é atestada e indica um discreto predomínio das mulheres. Quanto à escolaridade, os dados indicam que os analfabetos e semialfabetizados (MOBRAL) aparecem como a categoria de maior frequência, sinalizando que o fator em questão favoreceria a hipercorreção. Quanto à idade do falante, a autora comenta que o resultado exigiria maior reflexão e investigação sobre a possibilidade de se identificar aí uma faixa etária favorável a uma maior reflexão sobre a linguagem e a uma maior preocupação com o emprego de variantes de prestígio.

Ainda desse periódico consta o artigo de Lino (2000, p. 257-263), *Cândido de Abreu: algumas realizações do arquifonema /R/ na fala de seu povo*, baseado em dados coletados em oito bairros rurais e um urbano dessa localidade e registrados em cartas geolingüísticas. A autora analisa os registros das variantes fônicas desse arquifonema em início de vocábulo ou sílaba e no final de vocábulo ou sílaba (trava silábica), associando-os ao fator extralingüístico grupo étnico. Esse fator é relevante pelo fato de o município ter se formado predominantemente com a contribuição de poloneses e alemães. Por meio de dois quadros ilustrativos, a autora demonstra o polimorfismo do fonema em ambos os contextos lingüísticos (início e final de sílaba ou vocábulo), apontando para a concorrência de vários fatores na definição das variantes. Por exemplo: o [p], consoante vibrante velar sonora em início de vocábulo

ou sílaba, é predominante na fala norte norte-paranaense; o [r], consoante vibrante alveolar múltipla, concentra-se e irradia-se no sul e o [r] alveolar simples (flap) identifica comunidades de falantes de origem eslava ou germânica.

Apresentando resultados de algumas pesquisas realizadas num curto espaço de tempo – um quinquênio – de 1995 a 2000, pretendemos demonstrar que a triangulação estudos fonéticos, método geolingüístico e descrição do português forma uma engrenagem fundamental para os estudos lingüísticos. A descrição do Português do Brasil passa necessariamente pelos estudos descritivos no nível da Fonética articulatória e os atlas, registrando diatopicamente o fenômeno, mostrando sua origem e direção, representam um poderoso auxiliar para que a descrição se faça de forma segura e baseada em dados reais.

Os trabalhos aqui considerados, baseados nos Atlas Lingüísticos, publicados ou em andamento, mostram as inúmeras possibilidades metodológicas de se analisar os dados geolingüísticos qualitativa ou quantitativamente; num enfoque puramente diatópico-dialetológico ou associado à Sociolingüística; com recursos tradicionais ou da moderna informática.

Há que se registrar também a importância do espaço escolhido para a disseminação desses resultados: em congressos nacionais e internacionais, sob a forma de mesas-redondas ou sessões de comunicações coordenadas; nos respectivos anais ou livros organizados pela junção de artigos apresentados no GT de Fonética e Fonologia de encontros da ANPOLL e do GEL. Com isso, coloca-se à disposição da comunidade acadêmica uma indicação do muito que se vem realizando no âmbito da Fonética Descritiva no Brasil a partir de corpora de Atlas Lingüísticos.

## **BIBLIOGRAFIA**

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Aspectos fonético-fonológicos e sistema ortográfico da Língua Portuguesa: interferências no binômio

ensino-aprendizagem. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Diversidade fonética no Brasil**: pesquisas regionais e estudos aplicados ao ensino. Londrina: Ed. UEL, 1997. p. 129-143.

\_\_\_\_\_. Um estudo geolingüístico da iotização no português brasileiro. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Português no Brasil**: estudos fonéticos e fonológicos. Londrina: Ed. UEL, 1999. p. 155-180.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A variação fonético-lexical: dialetal ou sociolingüística? In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.) **Português no Brasil**: estudos fonéticos e fonológicos. Londrina: Editora UEL, 1999, p. 73-92.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. O Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Rio de Janeiro (Região Norte). CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA. Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani. Università di Palermo, [18-24 settembre 1995], 1998. In: **Atti del...** v. 5, p. 299-307.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. As vogais médias pretônicas no Brasil: uma visão diatópica. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.) **Português no Brasil**: estudos fonéticos e fonológicos. Londrina: Ed. UEL, 1999. p. 93-108.

\_\_\_\_\_. Inovação e conservadorismo no léxico rural brasileiro. CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA. Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani. Università di Palermo, [18-24 settembre 1995], 1998. In: **Atti del...** v. 5, p. 109-119.

CASTRO, Vandersí Sant'Ana. O Atlas Lingüístico do Paraná: ocorrências de hipercorreção. In: **Estudos Lingüísticos** (GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do estado de São Paulo). São Paulo: UNESP-Assis, vol. 29, p. 251-256.

LINO, Fádua M. Moisés. Cândido de Abreu: algumas realizações do arquifonema /R/ na fala de seu povo. **Estudos Lingüísticos** (GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do estado de São Paulo). São Paulo: UNESP-Assis, vol. 29, p. 257-263.

MOTA, Jacyra Andrade. Características fônicas do falar baiano. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.) **Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos**. Londrina: Ed. UEL, 1999. p. 125-142.

\_\_\_\_\_. Variantes palatais do português do Brasil. CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA. Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani. Università di Palermo, [18-24 settembre 1995], 1998. In: **Atti del...** v. 5, p. 475-484.

PONTES, Ismael. A variação do [ẽ] – [y] no falar rural do norte do Paraná. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.) **Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos**. Londrina: Ed. UEL, 1999. p. 143-154.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Considerações sobre um Atlas Lingüístico da cidade de São Paulo. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.) **Diversidade fonética no Brasil: pesquisas regionais e estudos aplicados ao ensino**. Londrina: Ed. UEL, 1997. p. 107-118.